

Das feituraş e belezuraş de noşso ofiçio açađÊMico ou...
Porque piscam (e brilham) noşsoş Anaiş

Alexandre FałcŁo de AraŁjo.¹
CecÍlia Lauritzen JŁcome Campos.²

“Performar é preciso”.

Eleonora Fabião.

1. Bicha, religiosa, militante política e muito conectada à sua família. Artista, educador e pesquisador teatral. Professor da Universidade Federal de Rondônia – UNIR; coordenador do Grupo de Trabalho Artes Cênicas na Rua (gestões 2017-2020), da ABRACE; doutorando em Artes pela Universidade Estadual Paulista – UNESP.

2. Professora efetiva do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri (URCA), amante das cidades, de suas feiras, cores e contrastes. Doutora em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2018), cuja tese investigou a noção de recepção acidental. Orgulha-se por ter participado do Grupo de Teatro de Rua Quem Tem Boca é Pra Gritar (Paraíba, 2008-2011) e do Coletivo Mapas e Hipertextos (Santa Catarina, 2014-2016), cujas produções investigam as áreas da dança, do teatro, das artes visuais e da performance em suas possíveis relações.

Dizem que não há mais grandes causas...

O prato vazio da criança é a grande causa.

O trabalhador em seu sono agitado cujo pesadelo é acordar é a grande causa.

A velha tremendo de febre é a grande causa.

Aqueles que moram em barracos e vivem em trapos são a grande causa.

...

Só a luta tem sentido humano.

Só a luta cria conhecimento.

Só a luta educa.

Só aqueles que lutam aprendem como funciona o mundo – a mecânica da realidade.

Só o que é criado na luta cria a si mesmo e se chama liberdade.

Edward Bond

Quem nada
contra corrente
não é a gente, parente
é quem não entende
que o rio tem vida
que vida não se vende
quem nada contra corrente
é quem não sente
o fluxo que respira
na árvore, no grão,
na semente
são eles que nadam
contra corrente
não é a gente
a gente é nascente.

Elizeu Braga

Na contracorrente das recentes medidas autoritárias, que cortam de modo inconsequente verbas da educação, e tentam inviabilizar o caminhar das universidades públicas brasileiras, durante os dias 11, 12 e 13 de junho de 2019 três cidades do Cariri Cearense: Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, sediaram a III Reunião Artístico-Científica do Grupo de Trabalho Artes Cênicas na Rua, da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE.

O evento foi organizado pelo grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Poéticas Artísticas – NIPA, da Universidade Regional do Cariri – URCA em parceria com os pesquisadores e coordenadores do Grupo de Trabalho Artes Cênicas na Rua, Alexandre Falcão (UNIR) e Marcelo Rocco (UFOP). Tal encontro teve como mote efetivar um espaço de fertilização e compartilhamento de saberes, pondo em diálogo a pesquisa em artes cênicas, o teatro de rua, as culturas populares e as comunidades do triângulo CraJuBar. Além disso, a reunião objetivou trazer discursos mais porosos nas artes, corpos cambiantes, na busca de uma experiência que fosse, em si, transformadora. Os pesquisadores e organizadores supracitados tentaram traçar diferentes perspectivas entre as artes cênicas e seus contextos plurais de inserção em diversas comunidades, conjugando estéticas menos hierarquizadas e a noção de cena expandida.

A primeira edição deste evento foi realizada no ano de 2015 pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR e pelo SESC, em Porto Velho/RO. Em julho de 2017, o mesmo GT promoveu a sua segunda reunião artístico-científica específica, dessa vez na cidade de São João del-Rei (MG), em parceria com a Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ e com o festival Inverno Cultural, realizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PROEX) da mesma universidade. Em 2019, tendo sido a primeira vez que este grupo de trabalho se reuniu na região Nordeste e no Cariri, suas ações artístico-formativas agregaram um público amplo¹ e interessado na prática e pesquisa em artes cênicas de rua e reforçaram a relevância da iniciativa do grupo em descentralizar a produção cultural, artística e acadêmica nacional.

¹ Em termos de alcance de público o evento contou com uma participação de, em média, oitenta pessoas, entre estudantes, artistas, pesquisadoras e professoras de nove instituições universitárias públicas.



Cortejo de Abertura no bairro João Cabral, Juazeiro do Norte/CE. Fotografias: Thiago Gomes



A programação foi distribuída em três linhas principais: (1) a primeira linha esteve concentrada no turno da manhã e aconteceu no Centro de Artes da URCA, composta por mesa redonda, comunicações orais em eixos temáticos e oficinas; (2) A segunda concentrou-se no período vespertino e agregou três vivências nos bairros, momento em que foram realizadas rodas de conversa sobre temas matriciais ao grupo de trabalho Artes cênicas na rua e lançamento de livro; (3) A terceira linha, formada por quinze interferências artísticas, atravessou o evento como um todo, apresentando espetáculos teatrais, performances, intervenções urbanas, um cortejo e duas apresentações da cultura popular: o Reisaço do Mestre Serginaldo (Barbalha-CE) e o Coco de Roda das Mulheres da Batateira (Crato-CE).

Das três linhas que guiaram o evento a vivência nos bairros ganhou destaque, pois efetivou o caráter extensionista da proposta, pondo em diálogo nos espaços urbanos as e os agentes locais² (grupos com um trabalho continuado de longa data nas comunidades), as e os artistas que submeteram trabalhos para apresentação e as convidadas e os convidados para as rodas de conversa (mestres e mestras da cultura popular, professoras e professores da educação básica e do ensino superior e técnicos de cultura do setor público-privado).

² Sem os quais a realização do evento teria sido impossível: Grupo Louco em Cena (Barbalha), Grupo Carroça de Mamulengos (Juazeiro do Norte), Grupo de Coco Mulheres da Batateira (Crato), Coletivo Camaradas e SESC (Crato).



Mestras do Coco no bairro Baía Teiras em Crato/CE Fotografias: Alexandre Lucas



Resultante das comunicações e produções do referido evento, a presente edição dos Anais do GT Artes Cênicas na Rua apresenta trabalhos de estudantes de graduação, mestrado e doutorado, além de mestras e mestres, doutoras e doutores. Em relação aos jovens pesquisadores, é bonito ver a trajetória de gradual apropriação do discurso teórico em Artes Cênicas, buscando aproximá-lo e cotejá-lo com suas práticas (das quais já parecem estar muito mais apropriados), em um caminho para a práxis.

Entre as várias produções, vale citar alguns exemplos deste caminho formativo e reflexivo, como o da jovem Ana Karoline Vieira do Carmo, cujo trabalho *Que Rua é Essa? Memória, Identidade e Sociedade no Teatro de Rua* apresenta densidade reflexiva e ilustra um belo envolvimento com a cena teatral de rua do Cariri cearense como motivação para o aprofundamento em uma pesquisa de pós-graduação. Seu artigo, eminentemente interdisciplinar, denota sua militância junto ao objeto de pesquisa e aponta relevantes considerações em torno da potencialidade das artes cênicas de rua em “habitar espaços” e, por outro lado, de nossos desafios com os embates frente à indústria cultural.

Vindo de uma pesquisadora e educadora mais experiente, o artigo *VÉIA CHIQUINHA... Dentro e fora de mim* apresenta uma bonita e intensa incursão etnográfica de Daniela Rosante Gomes, entre a autoetnografia com recorte de gênero e a etnografia da companhia Carroça de Mamulengos, também do Cariri cearense. Em seu trabalho, Daniela defende uma:

[...] Pesquisa e [uma] escrita que se assumem envolvidas e comprometidas com a vida em abundância para todos [...], sem qualquer pretensão de objetividade e neutralidade científica. Para tanto, acredito ser necessário um enfrentamento de uma tradição de categorias universais estabelecidas com o *status* de verdade absoluta através de formas e fórmulas hierarquizantes. Tudo isto, favorecendo um *status quo* que, não aceitando, desejo modificar. Talvez em nome daquilo a que chamam de Utopia, a meu ver, uma parente próxima do Amor. E sim, é preciso falar dessas palavras que se tornaram gastas, revivendo-as. Inserindo-as no ambiente acadêmico, à contrapelo de uma história de assepsias e de anestésias.

Também na perspectiva de estudos de gênero, Barbara Leite Matias em *Performando Violetas: Uma experiência na Escola* descreve e analisa uma importante experiência de trabalho com performance e intervenção urbana no contexto da educação básica, em uma escola pública na cidade do Crato/CE. Seu trabalho soma-se ao coro das denúncias contra a censura às artes, em especial, às artes de rua. Ainda em relação às questões de gênero (e, que bom e que necessário!), Caroline Castelo, a partir de suas ousadas experimentações e pesquisas em Belém do Pará, traça, em seu trabalho *Cinderela: Uma prostipoética da esquina*, relações entre danças de rua, as margens (da cidade, da sociedade e das artes) e a prostituição.

Os artigos de Raimundo Kleberon de Oliveira Benicio, Lucas Galvão da Silva (este em colaboração com sua orientadora, Cecília Lauritzen Campos), Paulo Andreio Sousa e Silva e Thiago da Silva Gomes – todos egressos da Licenciatura em Teatro da URCA, são, em grande medida, fruto de um também belo percurso formativo na universidade. Nos referidos trabalhos, diretamente relacionados às suas práticas cênicas na URCA, é possível identificar certa linhagem teórica, onde se sobressaem conceitos ligados à performatividade, ao chamado “teatro de invasão” e às artes visuais, como *site-específic*, campo expandido, risco e choque. Tanto em relação ao *site-específic* e ao chamado campo expandido, conceitos utilizados contemporaneamente em artes cênicas, mas também oriundos de fricções metodológicas juntos às artes visuais, é sempre bom provocar a lembrança de que, com outras denominações, tais práticas sempre estiveram presentes nas práticas teatrais populares, por isso não datam do século XX, nem são essencialmente oriundas das vanguardas artísticas, como frequentemente nos alerta o professor Alexandre Mate.

Como diz Thiago Silva Gomes, em seu artigo,

[...] Abrir a porta e ir à rua nos proporcionou novas descobertas sobre as cenas do espetáculo, sobre o que precisaríamos aprofundar, trabalhar com mais afinco, revisar; desestabilizou muitas certezas, nos colocou em situações-limites que nos provocaram caras reflexões; propulsionou uma maior atenção, cuidado, trabalho em coletivo, pesquisa; aguçou nossas percepções aos acontecimentos do tecido urbano, suas imprevisibilidades e

como não é possível dominá-lo, mas sim jogar/dialogar com ele; nos motivou a seguir em labor, maturação e potencialização dos elementos que já dispomos.

Assim como ir à rua pode nos proporcionar as descobertas elencadas por Thiago Gomes, ir à história (a contrapelo, como já lembrado por Daniela *também* Gomes), pode nos proporcionar uma expansão da visão para além do que se convencionou (limitadamente) chamar por artes cênicas em campo expandido, já no século XX. A aludida expansão é, de certa forma, um "simples" descortinar dos silenciamentos que historicamente foram impostos às formas teatrais populares e/ou engajadas, assumidamente políticas. Sem repetir os dogmatismos ou imposições, as problematizações ora apresentadas buscam somente trazer a bem-vinda dimensão do discurso polêmico (no sentido proposto por Eni Orlandi) a conceitos e visões aparentemente a-históricos ou cuja historicidade encontra-se fortemente cerceada por seus preconceitos de classe, gênero, etnia ou raça.

Enfim, retornando aos autores de nossa edição, também oriundo da graduação em Teatro da Urca, porém já mestre em Artes Cênicas e professor universitário, Rodrigo Tomaz dedica-se em "*Regue-me-se: Presença Compartilhada Entre Performer e Espectador*", a relatar e analisar sua experiência (e de um grupo de artistas-estudantes da URCA) junto à obra que dá título ao artigo, com enfoque na dimensão da presença dos performers. Tomaz ressalta que tal presença se encontra relacionada ao grau de alteridade dos mesmos. Esse destaque sutilmente nos conclama na direção oposta à uma presença individualizante, autocentrada, como querem os ideólogos do liberalismo, que estendem sua nefasta influência ao campo das artes.

Não podemos deixar de destacar que os objetos de vários dos artigos desta edição, notadamente os de autoras e autores da Universidade Regional do Cariri, são também foco de leituras críticas aqui publicadas, tecidas por outros autores e autoras, de dentro e fora da URCA. Como se fossem complementos aos artigos, as leituras críticas geram uma intertextualidade que enriquece a apreensão crítica e análise das obras, ao passo em que fortalece e amplia o percurso formativo de artistas e

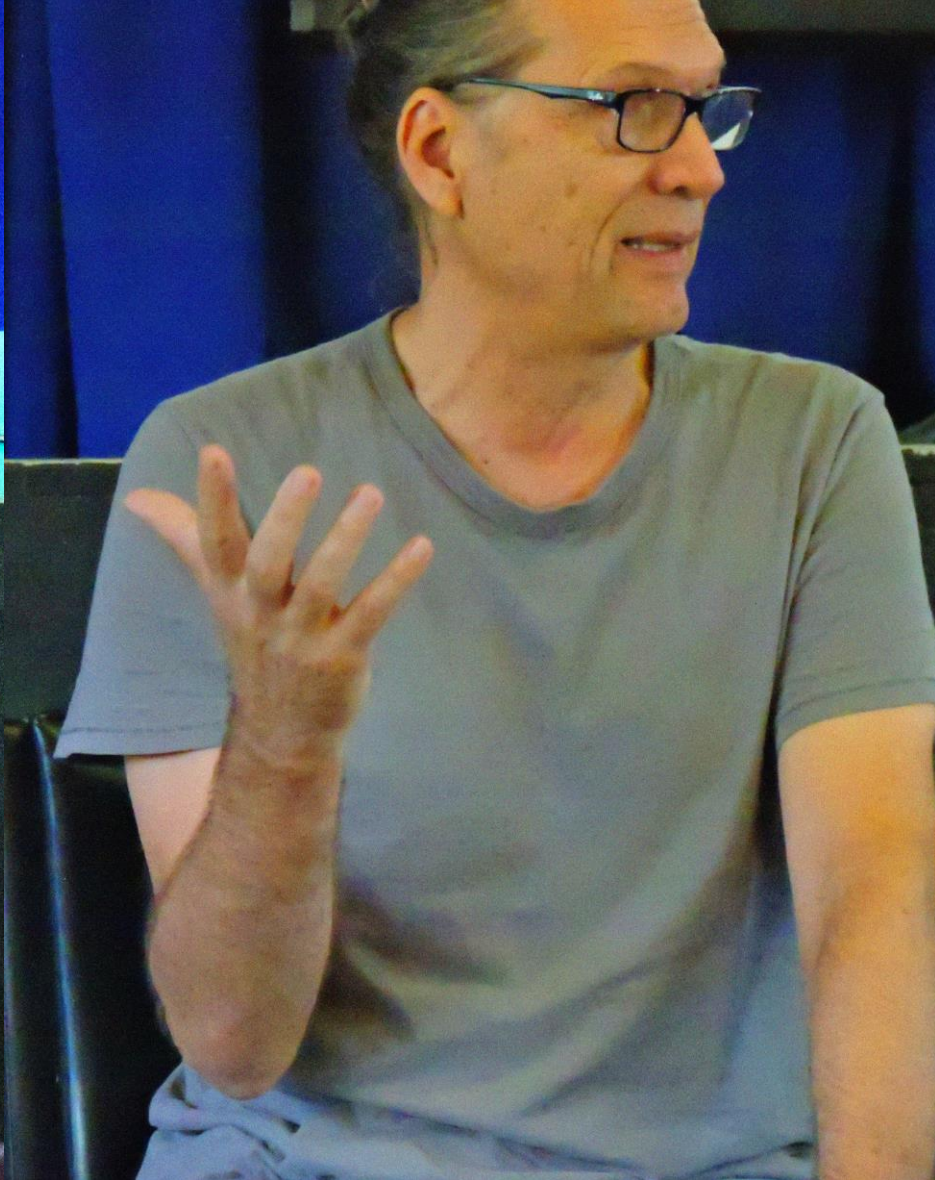
estudantes envolvidos com as obras em questão. Este parece ser um caminho metodológico pertinente para a formação em Artes Cênicas, no tocante à produção crítica, pois contribui para a troca e dialetização das experiências, na medida em que fomenta a multiplicidade de pontos de vista.

As leituras críticas arroladas nestes Anais foram produzidas a partir do trabalho na oficina "Apontamentos Estéticos para o Exercício Crítico com a Linguagem Teatral, com ênfase ao Teatro de Rua", conduzida de forma rigorosa e, ao mesmo tempo, divertida pelo professor Alexandre Mate. Os objetos das leituras críticas foram obras artísticas compartilhadas ao longo do evento, em distintas comunidades do Cariri.

Contamos, por fim, nesta edição, com a tocante entrevista concedida por Eleonora Fabião à Luiz Camillo Osório, originalmente publicada na página virtual do Prêmio PIPA e aqui republicada, para que tenha sua difusão ainda mais ampliada, junto ao público do GT.

Para fechar este editorial, saudamos as bonitas "coincidências" da vida! Alexandre Mate e Eleonora Fabião, que não se conheciam pessoalmente, (leia-se com ironia e bom humor) do "alto de suas carreiras acadêmicas" encontram-se na abertura de nossa reunião e complementam-se mutuamente com suas falas engajadas, de distintas maneiras, e com seu "figurino": calças jeans levemente surradas e camisetas cinzas, básicas. De suas posturas e discursos lemos uma emocionante composição de luta política, minimalismo (talvez como estratégia de resistência às imposições da sociedade de consumo) e sensibilidade aguçada.

Que tais índices de dignidade e coerência nos caminhos artísticos e acadêmicos, entretecidos com as pistas que nos deram tantas e tantos mestres e mestres que vieram antes de nós, nos inspirem em nossa trajetória, para alimentar de sentidos nossa práxis, para ocupar as ruas, assim como nossas existências, de exemplos recorrentes de beleza, justiça social, saúde e felicidade.



Alexandre Mate e Eleonora Fabião na palestra de abertura da III Reunião do GT Artes Cênicas na Rua, Centro de Artes da URCA, Crato/CE, 11 de junho de 2019.

Fotografias: **Thiago Gomes**
Diagramação: **Kleber Benício**



Anais do GT Artes Cênicas na Rua,
Porto Velho, v.2, out/2019. ISSN:
2595-3923

